

■ Breve biografia de Saburo Onoyama: Patrimônio Cultural no projeto Parque Educador em Taguatinga/DF

 Luciana Carvalho Carrilho *
Marianne Ferreira da Silva **

Recebido em: 31 jul. 2020
Aprovado em: 17 ago. 2020

Resumo: O presente estudo tem o objetivo de resgatar a memória e a identidade do pioneiro e imigrante japonês, Saburo Onoyama, por meio da sua biografia e integrá-la ao patrimônio cultural do Projeto Parque Educador, realizado no Parque Ecológico Saburo Onoyama criado em sua homenagem, em Taguatinga/DF. A abordagem metodológica é a pesquisa bibliográfica e documental mediante acervo digital e físico de bibliotecas de órgãos públicos e no Google Acadêmico, com os descritores Saburo Onoyama. Ao total, alcançamos 11 fontes entre artigos, documentos, livros e reportagens, que possibilitaram sistematizar os dados gerados e elaborar uma breve biografia. Os resultados contribuirão para a produção de material didático personalizado, no contexto do parque, despertar o sentimento de pertencimento recorrendo à história do pioneiro entrelaçada com a criação do parque em sua homenagem, e por último, ressaltar a importância dos imigrantes japoneses na construção de Taguatinga e Brasília. Todas as informações serão utilizadas para a elaboração das atividades de Educação Ambiental e Patrimonial. Os resultados sucintos mostram a necessidade de aprofundar futuramente a pesquisa inicial.

Palavras-chave: Saburo Onoyama. Patrimônio Cultural. Projeto Parque Educador.

* Luciana Carvalho Carrilho é licenciada em Biologia pela Universidade Católica de Brasília (UCB), mestre em Biologia Animal pela Universidade de Brasília (UnB) e doutora em Educação na área de conhecimento de Educação em Ciências e Matemática pela UnB. Professora da Carreira do Magistério Público da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal (SEEDF) e Educadora Ambiental no Projeto Parque Educador no Parque Ecológico Saburo Onoyama, em Taguatinga/DF. Contato: luciana.carvalho@edu.se.df.gov.br.

** Marianne Ferreira da Silva é licenciada em Biologia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), pós-graduada em Biologia pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Professora da Carreira do Magistério Público da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal (SEEDF) e Educadora Ambiental no Projeto Parque Educador no Parque Ecológico Saburo Onoyama, em Taguatinga/DF. Contato: marianne.ferreira@edu.se.df.gov.br.

Introdução

Veja a natureza, cujas leis estão estabelecidas há tanto tempo e, se soubermos usá-las, sem ferir seus princípios, ela nos responde com abundância e exuberância. (Saburo Onoyama)

A homenagem a Saburo Onoyama

Taguatinga, a primeira região administrativa oficial do Distrito Federal, foi construída dois anos antes de Brasília, em 1958, com o objetivo de abrigar os trabalhadores migrantes e imigrantes de diferentes estados e nações. Os primeiros imigrantes japoneses, em especial, foram convidados pela equipe de Juscelino Kubitschek com o intuito de formarem um cinturão verde para abastecer a capital, que, à época, importava alimentos de outros estados (BAHOUTH JÚNIOR, 1978; LOPES, 1989). No Núcleo Rural de Taguatinga, foram assentados o patriarca Saburo Onoyama e outras famílias para desenvolverem a agricultura nesta região administrativa integrada, à época, com Ceilândia e Samambaia. O pioneiro e cientista estudou as plantas tropicais brasileiras ainda em terras japonesas, colaborou para a construção dos jardins de flores espalhados pelo DF e recebeu fama internacional com os feitos realizados, a partir do melhoramento genético de plantas e da criação do limão Taiti, entre outros cultivares (ArPDF, 1986). A epígrafe supracitada expressa o respeito à natureza e a compreensão das suas leis como fundamento das diversas manifestações de vida.

Após seu falecimento, o Governo do Distrito Federal (GDF) o homenageou com a criação do Parque Ecológico Saburo Onoyama (ParqESO¹), localizado em Taguatinga Sul. Contar e recontar a história desse pioneiro é preservar e valorizar sua memória e contribuição na construção da nova capital e de Taguatinga; é integrá-lo ao patrimônio cultural da imigração dos colonizadores japoneses, do ParqESO e da região, que, muitas vezes, encontra-se à margem das narrativas de Brasília.

É nesse contexto que o Projeto Parque Educador, realizado no ParqESO insere-se com o objetivo de desenvolver atividades de Educação Ambiental (EA) e Patrimonial (EP). Nos primeiros encontros do Projeto, é realizada uma ambientação no parque para contar a sua história e apresentar os espaços disponibilizados. Ao entrar em contato com a administração do ParqESO, que é gerida pelo Instituto Brasília Ambiental (IBRAM-DF), em busca de informações referentes ao Saburo Onoyama e ao histórico do parque, constatou-se que não havia registros desses assuntos para fundamentar as ações de EP.

Neste primeiro momento, o presente trabalho busca sistematizar as referências que permitam embasar teoricamente as atividades e estratégias pedagógicas voltadas para o resgate histórico e cultural de Saburo Onoyama, por meio da sua biografia. Essas referências visam à elaboração e planejamento das próprias narrativas do parque, que perpassam os contextos e referências culturais. Também envolvem símbolos e significados da cultura nipônica, possibilitando o desenvolvimento dos princípios básicos de identidade, preservação e memória postulados na dimensão da EP da Secretaria de Estado de Educação do DF (SEEDF), como veremos adiante.

Para tanto, a abordagem metodológica utilizada será a pesquisa bibliográfica e documental (GIL, 2002), por meio de

acervo digital e físico do Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF), bibliotecas, demais órgãos públicos e no Google Acadêmico, com os descritores Saburo Onoyama. Ao total, foram encontrados: um artigo (JESUS; OLIVEIRA, 2017), três livros (BAHOUTH JÚNIOR, 1978; OLIVEIRA, 1988; LOPES, 1989), quatro reportagens (BRASÍLIA..., 1981; HOMENAGEM..., 1983; TAGUATINGA..., 1983; LIVRO..., 1988) e três documentos (ArPDF, 1986, 1996, 2006), que faziam menção ao pioneiro de Taguatinga. A partir dessas referências, foi possível reconstruir uma breve biografia, na qual iremos apresentá-lo como Sr. Onoyama.

A Educação Patrimonial em Unidades de Conservação: os parques também promovem EP

A concepção de currículo integrado proposta no Currículo em Movimento (CM) da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), pautado na Psicologia Histórico-Cultural e na Pedagogia Histórico-Crítica, pressupõe a formação integral do educando. A Educação Patrimonial, concebida como dimensão da educação, contribui para esta formação e está contemplada nos conteúdos de História referentes ao 5º ano (Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e Política de educação patrimonial), na dimensão curricular de Línguas da 1ª série do Ensino Médio (Patrimônio cultural: material e imaterial), nos eixos transversais Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos, Educação para a Diversidade, Educação para a Sustentabilidade e foi instituída por meio da Política distrital de EP pela Portaria 265 (DISTRITO FEDERAL, 2014, 2016, 2018). O entendimento de EP preconizado no segundo artigo da referida portaria e empregado neste estudo, apresenta a seguinte definição:

A Educação Patrimonial é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento integral do sujeito um caráter social, considerando a identidade, em sua relação com os bens culturais de natureza material e imaterial, bens naturais, paisagísticos, artísticos, históricos e arqueológicos, visando potencializar o processo de ensino-aprendizagem e preservação da memória (DISTRITO FEDERAL, 2016, n. p).

Os bens culturais, sejam eles materiais ou imateriais, constituem o nosso patrimônio cultural e podem ser transformados em objetos de conhecimento nos processos de ensino e aprendizagem, para desenvolver nos educandos a construção de identidades (individuais e/ou coletivas), consciência crítica, apropriação e valorização da cultura, tanto a herdada como a produzida nas diferentes comunidades. A EP, enquanto dimensão da educação, é um processo contínuo e dinâmico que conduz o “indivíduo a fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (HORTA; MONTEIRO; GRUMBERG, 1999, p. 4).

Outra consideração importante, defendida pela Coordenação de Educação Patrimonial (CEDUC) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), implica “empenho em identificar e fortalecer os vínculos das comunidades com o seu Patrimônio Cultural, incentivando a participação social em todas as etapas da preservação dos bens” (FLORÊNCIO *et*

al., 2014, p. 21). Essas práticas integradas às comunidades requerem ações e metodologias que promovam a discussão, o debate e o diálogo para a construção da consciência crítica e identificação dos bens culturais.

Diante das perspectivas apresentadas sobre a compreensão de EP, pretende-se que, em um primeiro momento, os educandos reconheçam a sua própria identidade, a sua história de vida e da sua família, para, posteriormente, relacioná-las com os patrimônios culturais (materiais e imateriais) presentes no parque. Espera-se que isso os possibilite transpor esse conhecimento na sua escola, na comunidade e nas diferentes regiões administrativas, ou seja, “a cidade precisa ser compreendida como território vivo, permanentemente concebido, reconhecido e produzido pelos sujeitos que a habitam” (MOLL, 2009, p. 15 apud FLORÊNCIO *et al.*, 2014, p. 24), que possuem suas próprias narrativas.

Nesse sentido, nos aproximamos do conceito de território proposto por Vargas (2015), que se relaciona aos objetivos do presente trabalho, quando a autora discorre sobre o estabelecimento do conhecimento a partir da compreensão do território como experiência de percepção, sob a perspectiva humanista:

Como as práticas sociais se organizam no território, ele é parte dos contextos estruturais que dão forma à vida social e onde se consolida o processo de conhecimento-experiência sobre o mundo. A partir dessas experiências ocorre um processo de sedimentação do conhecimento que alimenta as noções de pertencimento e identidade, pois é no ato de “frequentar” os cenários onde se realizam as práticas sociais que se constroem as representações e significações simbólicas. Na construção da identidade, a repetição de práticas particulares em lugares definidos do território é muito importante, existindo, assim, vínculos entre a identidade e o território. O território é, pode-se dizer, onde se desenvolve a biografia de cada indivíduo e onde se constrói a história do grupo (VARGAS, 2015, p. 310).

O conceito de território é polissêmico e possui diversos desdobramentos, por ora nos interessa explicitar que o espaço do parque apresenta relações sociais que possibilitam a construção de identidades e narrativas para a apropriação cultural deste local específico, que nos remete à biografia do Sr. Onoyama, como parte desse patrimônio. Dessa forma, busca-se reconhecer a cultura ali produzida e o respeito à diversidade e, ainda, identificar esses patrimônios locais, pertencentes às regiões administrativas, muitas vezes, marginalizados, que integram não só a identidade de Brasília, mas do DF e que, por diferentes motivos, foram “excluídos historicamente” em comparação às narrativas da capital federal (SUESS; SOUZA, 2020, p. 97).

O processo formativo aqui defendido é iniciado primeiro no educando instigado a contar o significado do seu nome, para futuramente desenvolver competências que visem à preservação ambiental, cultural e as intrínsecas relações sociais imbricadas nessa dinâmica. É importante que os estudantes se reconheçam como sujeitos nessa relação com o ambiente e também como produtores de cultura, que valorizem a cultura existente e a sua diversidade, que identifiquem a sua própria história e a da região administrativa a qual pertencem.

Considerando-se que o parque está dentro de um território, logo é um espaço educador em potencial para promover

a reflexão dos grupos sociais em relação ao seu próprio patrimônio. Para Matarezi (2005), um espaço se torna educador quando há intencionalidade pedagógica, ou seja, quando proporcione aprendizagem aos educandos. Além disso, o parque revela-se como tal, em contraste aos aparatos culturais legitimados (museus e centros de cultura), para ações com fins de preservação de forma crítica e reflexiva. Os diferentes dispositivos legais desde a visão macro até os pressupostos teóricos do CM da SEEDF confluem e explicitam a importância de utilizar outros espaços (e tempos), estruturas e contextos de aprendizagem para a formação integral e a democratização do acesso dos educandos da rede pública ao Patrimônio Artístico, Cultural, Histórico e Natural do DF, como estratégia de EP, que inclui os parques (DISTRITO FEDERAL, 2012, 2014, 2016).

As experiências de EP em Unidades de Conservação² (UCs), especificamente em parques, referem-se ao patrimônio arqueológico e cultural, como, por exemplo, o Parque Nacional da Serra da Capivara, tombado como Patrimônio Mundial em 1991, que possui sítios arqueológicos e pinturas rupestres (OLIVEIRA, 2014). No Distrito Federal, o Programa de Educação Ambiental do Parque Nacional de Brasília (PARNA de Brasília) também aborda a dimensão patrimonial a partir dos sítios históricos e líticos presentes no local.

No contexto de parques urbanos, Martins e Steinbach (2018) relatam a experiência do Programa de Educação Patrimonial para a Linha Verde, realizada no Parque da Cidade, em Joinville, Santa Catarina. A justificativa deve-se à localização estratégica do parque e à existência de estruturas arqueológicas como, por exemplo, sambaquis e sítios arqueológicos, com a finalidade de preservação. As ações do Programa subdividiram-se em palestras com as comunidades, oficinas com os professores e atendimento *in situ* ao ensino formal, com educandos do 8º e 9º anos, Anos finais do Ensino Fundamental da Educação Básica, de escolas públicas do município. As estratégias incluíam desde as atividades de rememoração, observação do ambiente e os objetos, trilhas interpretativas até o mirante do Morro do Sambaqui. Em síntese, as autoras apontam que o Programa possibilitou aos jovens o sentimento de protagonismo, a percepção das relações sociais com os conteúdos curriculares, que não são “algo isolado externo ao sujeito, mas sim, que se relacionam com a sociedade, com as pessoas e com o lugar onde vivem e interagem” (idem, p. 157).

Com relação às UCs distritais, o IBRAM, por meio do Programa de Educação Ambiental em Unidades de Conservação (EdUC), abarca dois projetos: Ambiente-se e o Projeto Parque Educador, ambos visam ao receptivo de visitantes nas UCs com atividades de EA, mas com peculiaridades. O Ambiente-se realiza o receptivo de visitantes, sejam eles, cidadãos ou educandos oriundos de escolas particulares ou públicas, grupos organizados, entre outros. No entanto, o Parque Educador atende somente os educandos de escolas públicas com atividades de EA e EP.

Educação Patrimonial no Projeto Parque Educador: O ParqESO conta a sua própria história

O Projeto Parque Educador (PPE), iniciado no primeiro semestre de 2018, é uma parceria da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA-DF), da SEEDF e do IBRAM, por meio

do Termo de Cooperação Técnica³ (TCT). A concepção do PPE buscou atender três demandas específicas do contexto no ato da criação:

1. atender o Programa Brasília nos Parques⁴, ampliando o uso público desses espaços;
2. fortalecer a Educação Ambiental do DF cumprindo o Plano Distrital de Educação Ambiental-PDEA (Meta 3, Ação 3.1 - Consolidar os parques como espaços educadores que ofereçam oportunidades de aprendizagem para as escolas);
3. ampliar os espaços das escolas em consonância com o Plano Distrital de Educação-PDE (Meta 6, estratégia 6. 4 - fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, entre eles, os parques) e o CM, que preconiza ampliar os espaços e tempos de aprendizagem (DISTRITO FEDERAL, 2014, 2015, 2016, 2018a).

O projeto objetiva promover a EA e a EP, fortalecendo as políticas públicas dessas duas dimensões com atividades realizadas em UC's distritais. Destina-se aos educandos das escolas públicas da SEEDF, com a abordagem metodológica da Ecopedagogia, que busca uma visão holística da vida. As escolas realizam a inscrição por meio de formulário próprio no site do IBRAM, que permite optar pelo ciclo de visitas nas modalidades de quatro (um encontro por mês) ou dez encontros (dez encontros sequenciados ou alternados), durante um semestre.

Apesar de não haver registros formais sobre a concepção de integrar a EP à EA no PPE, a ideia surgiu a partir da história do Parque Ecológico Três Meninas, localizado em Samambaia. O local era uma antiga fazenda, erguida na década de 60, possui três casinhas de boneca de alvenaria, construídas pelo antigo morador e pioneiro, Inezil Penna Marinho, em homenagem às suas três filhas, o que originou o nome da área (DISTRITO FEDERAL, 2013). Ao longo do desenvolvimento do projeto, observou-se que todos os parques participantes do PPE carregam a sua história, possuem características distintas referentes às estruturas existentes, às paisagens, à presença da flora e fauna do Cerrado e também aos patrimônios e sua identificação, que agregam diversidade sociocultural a esses espaços.

Com relação aos professores, estes foram disponibilizados pela SEEDF ao IBRAM, por meio de edital de seleção, para atuar no PPE. A partir da implementação do projeto, as formações continuadas específicas para o projeto são promovidas anualmente pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE) e contribuíram para as práxis pedagógicas que visam ao desenvolvimento de atividades que entrelaçam a EA com a EP. Além dos cursos e da participação em eventos (por exemplo, as Jornadas do Patrimônio promovido pela SEEDF), a formação de parcerias com outras instituições como o IPHAN, por meio da produção e disponibilização de material didático, tem auxiliado na compreensão da temática e no conhecimento de diferentes ações e estratégias que possibilitam serem executadas ou reproduzidas no âmbito do parque.

A princípio, quatro parques participavam do projeto: Parque Ecológico de Águas Claras (Águas Claras-DF), ParqESO (Taguatinga-DF), Parque Ecológico Sucupira ligado à Estação Ecológica de Águas Emendadas (Planaltina-DF) e Parque Ecológico Três Meninas (Samambaia-DF). Em 2019, o projeto foi ampliado

para mais dois parques: Parque Ecológico e Vivencial do Riacho Fundo (Riacho Fundo-DF) e o Monumento Natural Dom Bosco junto ao Centro de Práticas Sustentáveis (Lago Sul-DF). Os parques encontram-se em diferentes regiões administrativas no Distrito Federal, o que permite potencializar o atendimento às escolas da rede pública, assim como democratizar o acesso.

O ParqESO, conhecido popularmente como “Vai quem quer” ou “Perereca”, criado por meio do Decreto nº17.722/1996, com 90 hectares, está localizado no setor Quadra Sul “C” (QSC), em Taguatinga Sul. A denominação de “Perereca” se deve ao fato de a região possuir um solo hidromórfico e 23 nascentes, ambiente ideal para a reprodução dessas espécies. Para a expressão “Vai quem quer”, não foram encontrados registros oficiais sobre os motivos de tal denominação. A única referência a esse nome encontra-se disponível no site do IBRAM, com o título “Saburo Onoyama: Conheça a origem do Parque”. De acordo com a reportagem, o parque ficou conhecido informalmente como “Vai quem quer” por muitos anos. Uma das explicações sugere que o “Vai quem quer” é localizado no mesmo setor onde também existia o badalado Clube Primavera, nas décadas de 1980 e 1990, sendo que para o acesso a este último, era necessário ser associado. No “Vai quem quer” ia quem queria porque era obrigatório pagar para entrar (IBRAM, 2020). Percebe-se, por meio de relatos orais de moradores que vivem na região ou que já visitaram o local (dados não sistematizados), que, mesmo com a mudança do nome em homenagem ao Sr. Onoyama, até hoje, é recorrente o uso da expressão “Vai quem quer” como referência ao parque. Atualmente, a entrada não é cobrada e o parque tem como um dos principais atrativos as duas piscinas públicas. As trilhas calçadas e arborizadas, as pontes, os parquinhos infantis e as sete quadras poliesportivas completam a diversão e o lazer dos visitantes, que podem chegar a 3.000 por dia, principalmente aos finais de semana e feriados.

Cada parque tem autonomia para elaborar o Plano de Trabalho (PT), previsto no TCT, sua proposta de atividades, objetivos, conteúdos e/ou temas a serem desenvolvidos durante o semestre de acordo com as especificidades de cada UC. Assim sendo, a EP, articulada com a EA, é um dos eixos temáticos a ser desenvolvido no PT/2020⁵ do ParqESO denominado “Eu vejo Flores em você”, com o intuito de oportunizar aos educandos participantes uma formação integral em que ele reconheça a si mesmo, a sua identidade, a relação com o outro e com o meio ambiente, seja natural ou construído, por meio de uma experiência concreta. O título desse plano remete à música da Banda de Rock, Ira, ao reconhecimento de que cada educando participante é uma semente plantada, que pode germinar, produzir flores e frutos, ou seja, em um espaço de tempo indeterminado, transcender o apreendido e refletido nas vivências sobre as questões socioambientais e patrimoniais, de forma crítica e consciente.

Nos últimos dois anos, o PPE no ParqESO realizou 6.482 atendimentos⁶ de escolas provenientes de seis regiões administrativas (Ceilândia, Gama, Núcleo Bandeirante, Recanto das Emas, Samambaia e Taguatinga), nas etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (Anos iniciais e finais) e na modalidade Educação Especial da Educação Básica. Ressalta-se a importância da logística de transporte realizada pelo IBRAM

para que as escolas possam participar do PPE de forma contínua durante o semestre. O ônibus busca os educandos na escola e os encaminha até o parque. Outro ponto a ser destacado é a possibilidade de visita às outras UC's, instituições e aparatos culturais previstos no Plano de Trabalho (PT) dos parques participantes do PPE. Um exemplo é o trabalho realizado pelo Parque Ecológico Sucupira, localizado em Planaltina, que possui diversos centros e marcos históricos visitados pelos educandos, ao longo do semestre, por meio do PPE.

Como já foi dito, a administração do ParqESO, uma das UCs que participa do PPE, não dispõe de arquivo com registros históricos desse pioneiro que deu nome ao parque. Portanto, julgou-se pertinente aprofundar e resgatar o contexto histórico do Sr. Onoyama, a identidade e a memória, "pilares" da EP. Para tanto, retoma-se o objetivo do presente estudo que visa sistematizar os conhecimentos acerca da biografia do Sr. Onoyama, entrelaçada com a criação do ParqESO e de Taguatinga, que caracterizam o patrimônio cultural local.

Saburo Onoyama, o "Mago da Agricultura"

Saburo Onoyama nasceu em Sakuyama - Província de Hyogo-Ken, no Japão, em 1904, terceiro filho de Haru e Tetzuzo Onoyama. Era engenheiro agrônomo, paisagista, produtor rural, especializado em genética de plantas, a quem os brasileiros deram o apelido de "mago da agricultura" (OLIVEIRA, 1988). Em 1954, a família composta pela esposa Fumie Onoyama e os sete filhos (Yoshiaki, Mitsue, Yoko, Yoshiko, Chieko, Shigeki, Yoshiro, Yukie) o acompanharam nesta jornada ao Brasil. Ele veio a "[...] convite da Cooperativa Central de São Paulo, depois de ter recusado tentadoras ofertas do líder nacionalista chinês, Chiang Kai-Chek e do próprio governo de seu país" (OLIVEIRA, 1988, p. 18) e estabeleceu-se na cidade de Bastos, interior do estado de São Paulo.

Alberto Bahouth Júnior, em sua obra, dedica um capítulo *A presença estrangeira, os candangos de além-mar* para os imigrantes de diferentes nacionalidades que vieram para a cidade como os árabes, espanhóis, italianos e portugueses. "É nesse particular que os 'candangos' japoneses entram na história, entre os que mais colaboraram no desenvolvimento da cidade" (BAHOUTH JÚNIOR, 1978, p. 362). Em 1957, os imigrantes que chegavam ao DF eram submetidos a uma "triagem" na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), realizada pela Novacap. Após o breve censo, "o quadro de estrangeiros ali residentes era o seguinte: espanhóis 18, gregos 13, italianos 13, portugueses 21, sírio-libaneses e jordanianos 21, japoneses 65 e 12 de outras procedências" (BAHOUTH JÚNIOR, 1978, p. 363).

Os imigrantes japoneses chegaram, em sua grande maioria, do interior de São Paulo e se instalaram às margens do Riacho Fundo, que se constituiu um dos primeiros núcleos agrícolas de Brasília. As cidades do interior de São Paulo, como Mogi das Cruzes, abasteciam Brasília com produtos hortifrutí. Assim, o Sr. Onoyama, "indicado pelo Príncipe Hiroito, do Japão, ao presidente Juscelino Kubitschek, veio para Brasília, antes da fundação da capital, a fim de tornar viável a agricultura no cerrado" (LOPES, 1989, p. 89).

A região recebia críticas de pessoas por não ter uma tradição agrícola, elas acreditavam que a terra árida não produzia o

suficiente para abastecer a população e acreditavam que nem os japoneses mudariam a situação (BAHOUTH JÚNIOR, 1978). Esse fato também foi registrado por Yoshiaki Onoyama, filho mais velho do Sr. Onoyama, que relembra quando Israel Pinheiro, prefeito de Brasília à época, interpelado sobre a vinda dos japoneses, se estes poderiam desagradar os técnicos e agricultores brasileiros, ele então respondeu: "Se a terra fosse boa, não precisava chamar japonês..." (LOPES, 1989, p. 89).

Os colonos japoneses provaram o contrário das afirmações iniciais com as primeiras colheitas de alface e tomate. Dentre os japoneses, destacam-se os nomes: Kasuo Fujishima, o primeiro pioneiro; Sakamoto, o primeiro a receber a carteira profissional de agricultor, expedida no DF e Saburo Onoyama, que era um dos mais citados pelos seus métodos inovadores e reconhecidos para a produção agrícola (BAHOUTH JÚNIOR, 1978).

O Sr. Onoyama formou-se em Agronomia pela Universidade Internacional de Kagoshima, Kagoshima, Japão, em 1928 (JESUS; OLIVEIRA, 2017). Yoshiaki relatou ao Correio Braziliense, jornal da capital federal, que seu pai entrou no Brasil sem declarar a formação acadêmica e sua condição de cientista, pois as autoridades brasileiras não queriam trabalhadores imigrantes que possuíam nível superior. A sua passagem por Bastos abriu as portas para a vinda a Taguatinga, conforme o registro abaixo:

Sem poder exercer atividades acadêmicas e obrigado a sustentar a família como lavrador, ganhando menos que um trabalhador braçal brasileiro, Saburo Onoyama não perdeu o espírito de cientista. Pelo contrário, sua passagem pela região de Bastos foi tão importante que, quando recebeu a oferta do ex-presidente Juscelino Kubitschek para vir a Brasília formar o "cinturão verde" que abasteceria a capital, as lideranças rurais da cidade paulista fizeram de tudo para impedir que ele saísse da região, chegando a oferecer-lhe até mesmo terras para suas pesquisas e para o sustento da família (OLIVEIRA, 1988, p. 18).

O não cumprimento das promessas impôs ao patriarca gastar suas economias para sustentar a família com a ajuda dos filhos. De acordo com Jesus e Oliveira (2017), um dos seus primeiros trabalhos foi na Estação Experimental de Agricultura (ETA), localizada na Fazenda Sucupira, no Riacho Fundo II, que pertence atualmente à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) como campo experimental. Dois anos após a sua chegada, no início da década de 1960, o Sr. Onoyama mudou-se para uma chácara no Núcleo Rural de Taguatinga, que ficou conhecida como Chácara Onoyama. A família cultivava flores e frutos de onde retirava o sustento e comercializava por meio de cooperativas e associações da região (OLIVEIRA, 1988; JESUS; OLIVEIRA, 2017).

Os métodos supracitados referem-se à "sua capacidade científica e ao seu idealismo", por meio da realização de experimentos genéticos, que possibilitaram resultados surpreendentes, sendo ele o primeiro a produzir uva, pêssego, caqui, castanha-portuguesa, goiaba e outras frutas típicas de outras regiões, assim como, o pioneiro a implementar a adubação líquida e o sistema de irrigação por aspersores (OLIVEIRA, 1988, p. 19).

Saburo Onoyama, "o mago da agricultura", com base nas suas pesquisas, comprovou que as terras do Cerrado brasileiro podiam ser utilizadas para a produção agrícola. Seus feitos foram reconhecidos, nacional e internacionalmente,

tanto pela comunidade científica (cientistas e técnicos) quanto por personalidades, como políticos e presidentes da República (OLIVEIRA, 1988).

Relatos e depoimentos

A maioria das informações aqui citadas, que revelam um pouco da biografia do Sr. Onoyama, encontra-se na publicação *Gente de Brasília*, de 1988, organizada pelo Correio Braziliense, a partir da reunião de depoimentos das entrevistas realizadas na Coluna *Gente de Brasília*. A reportagem “Livro focaliza a gente de Brasília” descreve o coquetel de lançamento no Hotel Eron e contou com a presença da família do Sr. Onoyama para a homenagem póstuma (LIVRO..., 1988, p. 22). Além das informações sobre sua chegada ao Brasil e sobre o desenvolvimento da agricultura em Taguatinga, encontram-se na publicação relatos de personalidades da cidade sobre o Sr. Onoyama, como o colunista Gilberto Amaral e Inácio Lima Ferreira, engenheiro da Novacap, conforme abaixo:

Se Brasília ficou mais bela com seus jardins floridos, sem dúvida foi graças ao trabalho de Saburo Onoyama e sua família, que aqui fincou raízes desde 1958, começando com o seu canteirinho, que acabou se transformando numa chácara, que é hoje um jardim colorido e perfumado. Sem dúvida, a corte muito deve a esse grande pioneiro, que soube fazer Brasília mais bonita. Gilberto Amaral, colunista social e pioneiro (OLIVEIRA, 1988, p. 21).

O Onoyama em 58, quando eu era do Departamento de Terras da Novacap, não tinha uma pessoa que não passasse a gostar automaticamente daquele japonês trabalhador, perseverante e extremamente inteligente. Foi na visita do filho do imperador do Japão, quando fizemos uma festa para ele no Núcleo Bandeirante, que fiquei sabendo o quanto Saburo Onoyama era benquisto em sua terra natal, o Japão, onde sua família tinha tradição. Aprendi muito com ele sobre agricultura. Uma figura humana, prestativa, como só podem ser as pessoas que mexem com a terra, plantam flores e as distribuem. O Israel Pinheiro gostava muito dele. Eu até pensei em criar uma fundação com o nome de Onoyama, visando reunir todo o seu trabalho, hoje praticamente perdido. Inácio Lima Ferreira, engenheiro e pioneiro (OLIVEIRA, 1988, p. 20 e 21).

O pioneiro Wílson Wander Lopes, advogado e jornalista, em sua publicação “Taguatinga tem memória”, de 1989, destaca o Sr. Onoyama como o cientista de fama internacional que criou e transformou a Chácara Onoyama em um verdadeiro laboratório de Botânica. Após sua morte, seu legado ficou para o filho Yoshiaki que deu continuidade ao cultivo de mudas frutíferas e aos trabalhos com paisagismo. Porém, passados 30 anos, seu primogênito viveu “[...] momentos difíceis quando viu as terras em que trabalha serem ameaçadas de desapropriação, face à especulação imobiliária” crescente (LOPES, 1989, p. 89). Apoiado pelo Movimento Taguatinga tem Memória, o GDF revogou a decisão que ameaçava o patrimônio (ambiental, cultural e material) e decretou que a área seria destinada à preservação ambiental (LOPES, 1989). Após sete anos, a Área de Relevante Interesse Ecológico Parque Juscelino Kubitschek (ARIE JK) foi criada em 1996, mas não impediu as invasões irregulares que resultaram em regularização fundiária e, conseqüentemente,

alteraram a poligonal inicial da área (JESUS; OLIVEIRA, 2017).

O Programa de História Oral do ArPDF, que integrava o Projeto Memória da Construção de Brasília, desenvolvido entre 1987 e 1995, incluía também o plano sobre a Formação de Taguatinga e resultou na publicação “Taguatinga: ontem e hoje”. Este trabalho apresenta trechos dos depoimentos de 26 pioneiros da região administrativa, com entrevistas realizadas entre os anos de 1995 a 2004. Muitos deles faleceram antes mesmo do trabalho ser publicado (ArPDF, 2006).

Os colaboradores e sonhadores, que deixaram seus estados e suas famílias para trabalhar na construção de Brasília, na perspectiva de uma vida melhor, expressaram, nos depoimentos, as lutas diárias, as dificuldades e as curiosidades ocorridas à época. No Programa de História Oral, a entrevista de César Trajano Lacerda, pioneiro e o primeiro líder comunitário de Taguatinga, faz referência ao Sr. Onoyama como apresentada, a seguir:

Aí veio o Onoyama, velho Onoyama, um dos maiores cientistas do mundo em botânica, que gostou de Taguatinga e ficou. E já morreu, mas deixou um legado muito grande no que se diz da genética botânica que poucas pessoas sabem. Vou dar um exemplo: o limão Taiti foi criação dele, naquela época o Brasil tinha o limão galego, mas o limão galego ele é de uma fase, ele dá determinada época. E durante ... não sendo naquela época não tinha limão mais, porque não dava. E ele criou, então o limão Taiti. E esse limão Taiti foi criado em Taguatinga, que hoje é conhecido no Brasil inteiro, na América do Sul inteira. E poucas pessoas sabem disso, da história. Então era bom conversar com o Onoyama lá em Taguatinga. O Onoyama é presidente da Fundação Saburo Onoyama. Saburo não é o pai dele. O pai dele é outro nome. Ele criou também uma jabuticaba, que eu tenho na minha casa no Lago Sul, que dá jabuticaba todo mês (ArPDF, 2006, p. 25).

O pai do Sr. Onoyama era Haru Onoyama, como informado anteriormente, mas não se encontrou registros sobre a Fundação Saburo Onoyama. A jabuticaba refere-se a uma espécie híbrida que produz frutos várias vezes ao ano. No entanto, a Chácara Onoyama funciona atualmente com o comércio de plantas ornamentais, flores e serviços de paisagismo. E ainda conta com o Espaço Verde Onoyama para a realização de eventos.

Homenagens

O Sr. Onoyama recebeu várias homenagens como pioneiro e cidadão honorário de Taguatinga e Brasília, algumas delas reunidas aqui expressam palavras como merecido e justo, dado o trabalho notadamente reconhecido na área da agricultura e fruticultura. Em 1981, o Clube dos Pioneiros, presidido pelo professor Alberto Peres, reitor do Centro Universitário de Brasília (CEUB), promoveu, no dia 12 de setembro, a festa “Noite dos Pioneiros”, em que foram entregues os títulos aos “homens e mulheres que ajudaram a construí-la, humanizá-la e consolidá-la” em referência à construção da nova capital federal. Dentre os homenageados encontra-se o nome Saburo Onoyama, e o (a) autor (a) do texto destaca entre parênteses a palavra “justíssimo”, dado ao seu significativo trabalho realizado (BRASÍLIA..., 1981, p. 5).

Após dois anos, em comemoração aos 25 anos de Taguatinga – Jubileu de Prata, o Sr. Onoyama recebeu a medalha aos

“Pioneiros de Destaque de Taguatinga” por sua contribuição à cidade. A solenidade, promovida pelo Correio Braziliense, aconteceu no Salão Verde do Clube Primavera e contou com a participação do administrador da época, Valmir Campelo Bezerra, que entregou as medalhas a 25 pioneiros, sendo denominados por ele como “os bandeirantes do século XX” (HOMENAGEM..., 1983, p. 7). Esse evento também foi registrado no jornal Última Hora de Brasília, na coluna Cidade, com o título “Taguatinga festeja Jubileu de Prata” (TAGUATINGA..., 1983, p. 14).

Outra homenagem sugerida, mas não concretizada, ocorreu durante a gestão do governo Cristovam Buarque, que sancionou a Lei nº 1.045 de 1º de abril de 1996 para a edificação de monumento com o busto de Saburo Onoyama denominado “Cidadão do mundo”, no ParqESO. A votação do Projeto de Lei 1.327/1994, referente à lei supracitada, teve veto parcial por faltas de verbas para a obra, já que o logradouro necessitava de outras construções mais urgentes (ArPDF, 1996).

Observada a data da sanção da lei, coincidência ou não, a única verdade é a falta de dinheiro para investimento nos aparatos culturais que homenageiam e valorizam aqueles que contribuíram para construção de Brasília e, consequentemente, para a preservação do patrimônio histórico-cultural. Neste sentido, Scifoni (2019, p. 18) discute em seu artigo “Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo” e mostra o jargão utilizado e naturalizado, “conhecer para preservar”, no campo da EP, sem sentido no contexto atual, já que a sua reprodução pode “despolitizar o debate sobre o papel que as ações educativas têm para a preservação do patrimônio”. A autora revela que a preservação do patrimônio deve ser prioridade do país e dos seus órgãos gestores para que os educandos possam dele se apropriar como direito social, na perspectiva do processo educativo e não de um patrimônio no qual foram apartados.

Em meio às homenagens prestadas a este “mago da agricultura”, o Sr. Onoyama sofreu um derrame em 21 de abril de 1984 que o deixou debilitado, com uma paralisia que o impedia de falar e realizar suas atividades laborais nas plantações da chácara. Em decorrência disso, faleceu em 9 de abril de 1988, em Taguatinga. O legado do Sr. Onoyama e da geração *nikkei* se expressa nos trabalhos reconhecidos pelo afinco, engajamento, inovação, características da tradição e cultura japonesa no cultivo da terra. Além disso, ficou evidente sua coragem de recomeçar a vida em outro país na paisagem do Cerrado.

Considerações finais

Concluir? A história está só começando. A pergunta desta seção é uma provocação no sentido dos desdobramentos do presente estudo, que pode ser aprofundado a qualquer momento. A referência à frase “a história está só começando”

é porque se pode perceber que, em função de documentos e fontes pesquisadas, permitiu reconstruir apenas uma breve biografia do Sr. Onoyama. Outra consideração pertinente durante a elaboração do trabalho relaciona-se à busca limitada de documentos, devido à pandemia causada pela Covid-19, pois impossibilitou acessar o acervo de instituições, como, por exemplo, o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHGDF).

Ressalta-se a importância, primeiramente, em resgatar a memória e sistematizar as informações reunidas para compor o acervo do parque, utilizá-las nas atividades referentes tanto à EA quanto à EP como, por exemplo, a história da chegada dos imigrantes japoneses em Taguatinga e a sua relevância no desenvolvimento da agricultura na região. Em segundo lugar, as informações geradas serão muito proveitosas na produção de material personalizado para ser utilizado na ambientação do parque e nas trilhas interpretativas, ao se explorar a biografia do Sr. Onoyama e os símbolos da cultura nipônica presentes no local, como, por exemplo, o portal japonês. Também serão conhecimentos para as oficinas, a confecção de jogos e maquetes, a elaboração das atividades remotas referentes à readequação do projeto diante da situação de pandemia, como a gamificação, entre outros.

O espaço em que nos encontramos requer outras práticas pedagógicas e se percebe, nesse entrelaçamento entre ambiente, cultura e patrimônio, o potencial para abarcar diferentes temáticas sobre os alicerces da EA e EP. Além disso, nos discursos e narrativas é que se busca a compreensão do patrimônio dentro do contexto do parque. Isso quer dizer que o trabalho de EP requer primeiro a compreensão do educando como sujeito de cultura e reconhecimento da sua própria identidade. Em seguida, o reconhecimento da importância da história da imigração japonesa em Taguatinga e a relação com o Sr. Onoyama, respeito à diversidade étnica e cultural, identificação dos símbolos e significados da cultura nipônica integrados à paisagem do parque.

No entanto, uma questão nos intrigou: o que motiva pessoas como o Sr. Onoyama a deixar a sua terra natal para trabalhar em outro país? Perseverança e dedicação são qualidades da cultura japonesa, que tem habilidades para transformar e potencializar a terra e extrair tudo que ela tem para oferecer. O “mago da agricultura” faz jus a todos os méritos e honrarias recebidos de Taguatinga e de Brasília pela dedicação e paciência em colher os frutos das “sementes” plantadas nos jardins floridos, nas plantas cultivadas na Chácara existente até hoje e, claro, no ParqESO, onde em cada canto há uma presença constante dele, nos traços da cultura nipônica. O Plano de Trabalho “Eu vejo flores em você” está em consonância com a filosofia de vida do Sr. Onoyama explicitada nos dizeres “Em terra que dá flores, tudo é possível, tudo nasce”, a quem devemos um alto e entonado “arigatô”.

Agradecimentos

Aos senhores Yoshiro Onoyama e Shigeki Onoyama, filhos de Saburo Onoyama, que gentilmente nos cederam informações referentes à data e local de seu nascimento e falecimento, que não constavam nas referências resultantes da presente pesquisa, para compor a biografia. Ao Sr. Wilson Wander Lopes pelo empréstimo da obra de sua autoria “Taguatinga tem memória”. Aos bibliotecários, Alex e Morine, pela gravação dos documentos digitalizados do Arquivo Público do Distrito Federal.

Notas

- ¹ Optou-se pelo acrônimo ParqESO porque a sigla PESO resultante da abreviação de Parque Ecológico Saburo Onoyama poderia representar um significado conotativo de fardo, que descaracteriza a concepção do projeto e as vivências realizadas pelos educandos. Apesar de a soma das sílabas resultantes em ParqESO não seguir as regras de grafia consagradas para os acrônimos.
- ² Unidades de Conservação são definidas como “áreas que possuem características naturais relevantes e legalmente instituída pelo Poder Público com objetivos de conservação” (DISTRITO FEDERAL, 2013, p. 9).
- ³ Em atendimento à demanda do Programa Brasília nos Parques para ampliar o uso público desses espaços, a SEMA e a SEEDF, por meio da Portaria Conjunta nº 2 de junho de 2015, dentre as diversas ações, buscou implementar o PPE para ressignificar os parques como espaços educadores. Em 2019, os ajustes do PPE e a inclusão do IBRAM como parceiro resultou na reelaboração e legitimação do Projeto, por meio do Termo de Cooperação Técnica nº 02/2019.
- ⁴ Decreto nº 37.115 de 15 de fevereiro de 2016, que institui a criação do Programa Brasília nos Parques.
- ⁵ Diante a Pandemia causada pela Covid-19, as atividades previstas para 2020 do PPE foram readequadas para o atendimento não presencial, por meio de plataformas educacionais digitais (SEI – 42431931).
- ⁶ Cada visita do educando realizada no parque é contabilizado como um atendimento.

Referências

- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Administração de Taguatinga. Programação e Promoção de Eventos. Medalha Pioneiros destaque de 1986. 1986.
- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Veto da Lei nº 1.045 de 1º de abril de 1996 referente ao Projeto de Lei 1.327/1994 para a edificação de monumento com o busto de Saburo Onoyama. 1996.
- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Taguatinga: ontem e hoje. Programa de História Oral – Cadernos de Pesquisa, nº 12. Brasília, 2006.
- BAHOOUTH JÚNIOR, A. **Taguatinga - Pioneiros e Precusores**. Brasília: Ed. HP Mendes, 1978.
- BRASÍLIA celebrou a Noite dos Pioneiros. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 5, 14 setembro 1981.
- DISTRITO FEDERAL. **Decreto 17.722 de 19 de outubro de 1996**. Institui a criação do Parque Ecológico Saburo Onoyama. Brasília: DODF, 1996.
- DISTRITO FEDERAL. **Lei nº 4.920 de 21 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o acesso dos estudantes da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal ao Patrimônio Artístico, Cultural, Histórico e Natural do DF, como estratégia de educação patrimonial e ambiental. Brasília: DODF, 2012.
- DISTRITO FEDERAL. Instituto Brasília Ambiental. **Guia de Parques do Distrito Federal**. Brasília: IBRAM, 2013. 43 p.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos**. Brasília, 2014.
- DISTRITO FEDERAL. **Plano Distrital de Educação (2015/2024)**, 2015. Disponível em: http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/01/pde_site_versao_completa.pdf. Acesso em: 01 jul. 2020.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Portaria nº 265, de 16 de agosto de 2016**. Institui a Política de Educação Patrimonial da SEEDF. Brasília: DODF, 2016.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica**. Brasília: SEEDF, 2018.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Distrito Federal. **Plano Distrital de Educação Ambiental: PDEA**. Brasília: SEMA, 2018a.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Distrito Federal. **Termo de Cooperação Técnica nº 02/2019**. Brasília: SEMA, 2019.
- FLORÊNCIO, S. R.; CLEROT, P.; BEZERRA, J.; RAMASSOTE, R. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília, DF: IPHAN, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf. Acesso em: 10 set. 2019
- IBRAM. Saburo Onoyama: Conheça a origem do Parque. Disponível em: <http://www.ibram.df.gov.br/saburo-onoyama-conheca-a-origem-do-parque/>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.
- HOMENAGEM aos pioneiros no baile. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 7, 06 junho 1983.
- HORTA, M. de L. P.; MONTEIRO, A. Q.; GRUMBERG, E. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Iphan, 1999.
- JESUS, S. C.; OLIVEIRA, Y. R. A paisagem cultural na ARIE JK: a contribuição japonesa no estabelecimento das áreas rurais do DF. **5º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação**, Belo Horizonte, 2017.
- LIVRO focaliza a gente de Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 22, 05 maio de 1988.

- LOPES, W. W. **Taguatinga tem memória** - Três décadas - Um milhão de habitantes - É hora de repensar. Brasília: Editora Comunidade, 1989. 224p.
- MARTINS, F. C.; STEINBACH, J. Parques Urbanos como espaços articuladores para formação de redes interdisciplinares mediadas pela metodologia da Educação Patrimonial. In: CAMPOS, J. B. *et al.* **Patrimônio Cultural, Direito e Meio Ambiente: Educação Contextualizada - Arqueologia e Diversidade (Volume III)**. Criciúma: EDIUNESC, 2018, 340 p.
- MATAREZI, J. Estruturas e espaços educadores: quando estruturas e espaços se tornam educadores. In: FERRARO, L. A. **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Luiz Antonio Ferraro Jr. (Org.). Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 161-173.
- OLIVEIRA, W. Saburo Onoyama in: OLIVEIRA, W; PADRE ROQUE, J. C. **Gente de Brasília**, Brasília: Correio Braziliense, 1988. p. 17-21.
- OLIVEIRA, J. S. **A Educação Patrimonial como estratégia de Arqueologia Pública na área do Parque Nacional da Serra da Capivara**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, Piauí, 2014.
- SCIFONI, S. Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo. **Revista CPC**, São Paulo, n. 27 especial, p. 14-31, jan./jul. 2019.
- SUESS, R. C.; SOUZA, R. S. R. Educação Patrimonial: Perspectivas e ações no âmbito das Políticas Públicas da Secretaria de Educação do Distrito Federal. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 88-99, mar. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/805>. Acesso em: 12 jul. 2020.
- TAGUATINGA festeja Jubileu de Prata. **Jornal Última Hora de Brasília**, Caderno Cidade, Brasília, p. 14, 04 junho 1983.
- VARGAS, G. M. Território. In: FERRARO Jr. L. A. **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. vol. 3. Brasília: MMA, 2014. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/228157241/Livro-Encontros--e-Caminhos-Vol-3#scribd>. Acesso em 17 jul. 2020.